

YANKEE DOODLE DANDY / 1942

(A Canção Triunfal)

Um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / **Argumento:** Robert Buckner e Edmund Joseph, segundo a história de Robert Buckner / **Montagem:** Don Siegel e George Amy / **Fotografia:** James Wong Howe / **Direção Artística:** Carl Jules Weyl / **Coreografia:** LeRoy Prince e Seymour Félix / **Canções:** “I Was Born in Virginia”, “The Warmest Baby in the Bunch”, “Give My Regards to Broadway”, “Mary’s a Grand Old Name”, “So Long Mary”, “Yankee Doodle Boy”, “Over There”, “Harrigan”, “Forty-Five Minutes From Broadway” e “You’re a Grand Old Flag” de George M. Cohan; “All Aboard for Old Broadway”, de Jack Scholl e M.K. Jerome / **Música:** Heinz Roemheld / **Direção Musical:** Ray Heindorf e Heinz Roemheld / **Interpretação:** James Cagney (George M. Cohan), Joan Leslie (Mary), Walter Huston (Jerry Cohan), Richard Whorf (Sam Harris), George Tobias (Dietz), Irene Manning (Fay Templeton), Rosemary De Camp (Nellie Cohan), Jeanne Cagney (Josie Cohan), S. Z. Sakall (Schwab), George Barbie (Erlanger), Walter Catlett (empresário), Frances Langford (cantora), Minor Watson (Albee), Eddie Jr. (Eddie Foy), Chester Clute (Goff), Douglas Croft (George M. Cohan, com 13 anos), Patsy Lee Parsons (Josie, com 12 anos), Captain Jack Young (Franklin D. Roosevelt), etc.

Produção: Warner Bros. **Produtores:** Jack L. Warner, Hal B. Wallis / **Produtor Associado:** William Cagney / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendada eletronicamente em português, 125 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, 20 de Maio de 1942 / **Estreia em Portugal:** Cinema São Luiz, 27 de Novembro de 1945.

Dizer que **Yankee Doodle Dandy** é o mais vibrante de todos os “biopics”, é o mesmo que não dizer nada. E também não basta dizer que **Yankee Doodle Dandy** é o mais arrebatadoramente chauvinista dos filmes, a mais prodigiosa fusão do espectáculo e do patriotismo, a mais terna combinação dos sentimentos e da propaganda.

Tudo isto é verdade e, não obstante, fica a sensação de que a euforia do filme – e a euforia a que ele nos conduz – não tem, nada deve ter, tradução verbal. Depois de **Yankee Doodle Dandy**, chora-se ou ri-se – experimentem as duas coisas ao mesmo tempo – mas não se fala.

Escrevo porque não posso “quebrar as regras”, mas valho-me da mais neutra das informações, a ver se, entretanto, “isto” me passa. Basta dar uma vista de olhos rápida pela ficha técnica para se descobrir que os grandes vértices de **Yankee Doodle Dandy** são a Warner Bros., o realizador Michael Curtiz e o actor James Cagney. Não era a primeira vez que eles apareciam associados, o que nada tem de peculiar – Curtiz “dedicou” toda a sua vida à Warner e Cagney era um actor sob contrato. Mas, para além desse dado adquirido, outros factores contribuíram para que, em 1942, ano em que toda a América se mobilizou para a Guerra, a Warner, Curtiz e Cagney convergissem nesta biografia de George M. Cohan.

Cohan é – pelo menos foi – uma instituição na América. De ascendência irlandesa, americano até à medula e “homem de família”, George Cohan dominou a Broadway no princípio do século, escrevendo 44 peças, compondo 500 canções, financiando cerca de 125 espectáculos e actuando em muitos deles, cotando-o a

crítica americana como “the greatest American light entertainer of the early twentieth century”. No começo dos anos 40, Cohan, então já muito doente – morreria alguns meses depois do lançamento do filme, no final de 1942 – negociou com vários estúdios a venda dos direitos da história da sua vida. Sam Goldwyn interessou-se, chegando a pensar em Fred Astaire para o papel do biografado, e interessaram-se igualmente a Paramount e a MGM, mas ele só se dispunha a assinar contrato com quem lhe permitisse controlar o resultado final e nenhum estúdio estava disposto a aceitar uma tal cláusula.

William Cagney, irmão do actor, andava então empenhado numa cruzada para reabilitar James (este fora acusado de ser comunista e tivera de responder perante o Comité de Actividades Anti-Americanas, em 1940) e viu na biografia de Cohan o veículo necessário. Convenceu Jack Warner e, depois de preparar um argumento indiscutivelmente lisonjeiro para o biografado, fechou-se o acordo.

É evidente que o interesse da Warner no projecto tinha motivações distintas das do irmão de Cagney. Para o estúdio, a biografia de Cohan vinha culminar toda uma série de ensaios que trouxeram fama e proveito à casa – lembrem-se de “biopics” como **Juarez**, **The Life of Emile Zola**, **The Story of Louis Pasteur** – abrindo um novo filão, o dos “biopics” sobre gente do espectáculo, receita que, paralelamente, a 20th Century Fox exploraria nesse mesmo ano com **My Gal Sal**.

Tratando-se de um típico projecto de estúdio, **Yankee Doodle Dandy** poderia ter sido realizado por qualquer um dos cineastas sob contrato. Mas a escolha de Michael Curtiz faz tanto sentido que tudo leva a crer que tenha havido mais do que o dedo do acaso. Repare-se que o facto de a América ter entrado na guerra, gerou em Hollywood o “imperativo moral” de responder ao esforço da frente com um apoio de retaguarda inequívoco, não só apelando para a elevação da moral dos combatentes, como justificando ao nível das ideias o empenhamento na luta. Nesse ponto, tanto a família Cagney (além de William e James, também Jeanne Cagney, irmão daqueles, entrou no filme), como a Warner, estavam de acordo. **Yankee Doodle Dandy** não seria um “biopic” escapista, mas um filme de fervente americanismo. Curtiz, antigo mentor de Cagney, com o lastro dos filmes de aventuras de Errol Flynn dos “thirties”, tido como rápido, eficaz, muito cuidadoso na composição, iluminação e ângulo de cada plano, foi o escolhido. E ninguém se arrependeu, a começar pelo próprio realizador que, com **Yankee Doodle Dandy**, teve o primeiro dos seus três fabulosos cometimentos dos anos 40 (os outros foram **Casablanca**, por e para Bogart, e **Mildred Pierce** com Joan Crawford).

E agora – coragem! – concentro-me no filme. Já disse que era o mais vibrante de todos os “biopics”, mas frisei também que afirmar isso era ainda nada dizer. Por certo se me concederá que, para o espectador português de hoje, Cohan é uma não-entidade. A sua existência real não funciona como um dado de precioso complemento à informação fornecida pelo filme, como acontece num “biopic” sobre Mozart ou sobre Glenn Miller. Não funciona sequer como um termo de comparação, em que se veja espelhado o “espírito da obra” do biografado. Só muito dificilmente alguém sairá deste filme a dizer que se trata de uma obra “cohaniana ...” e quanto à verdade histórica lembro que o Cohan real se casou três vezes, longe portanto da imagem do “one-true-love” que o filme pretende dar. O que quer dizer que o melhor é esquecer o Cohan real, esquecer o “biopic”, e aceitar **Yankee Doodle Dandy** pelo que nele há de mais forte: a ficção de e James Cagney.

Toda a estrutura do filme (o longo “flashback”, o recurso à autoridade narrativa da “voz-off”, a dupla articulação em torno da família e do espectáculo) não faz senão dizer-nos uma e outra vez a mesma coisa: isto é um filme, isto é o cinema a descrever torrencionalmente uma linha de pura ascensão, o que estão a ver

é uma epopeia e o herói não é um homem vulgar, é um homem mítico, e no esplendor da sua energia o que se reflecte é o rosto da nação americana. A aura do filho tem a sua fonte na incomensurável luz do pai.

Hoje que tanto se fala do **pai**, quem seria capaz de, com a mesma coragem, a mesma lucidez, a mesma serenidade, filmar uma sequência como aquela em que George (James Cagney) oferece ao pai a sociedade nos seus espectáculos e, sobretudo, quem seria capaz da audácia que Michael Curtiz revela nos intensos planos da breve cena da sua morte? Não é verdade que nessa cena, no limiar do melhor Ford, Cagney define, na críspação do corpo, no desfalecimento da sua cabeça, o trágico do amor entre filho e pai?

É quem seria capaz – tudo isto num só filme! – de, numa analogia tão poderosa e vital, associar a intriga parental ao mais fervoroso patriotismo? Parece ridículo? Mas não é: faz medo, faz tremer, isso sim. Uma sequência como a do número da bandeira – “She’s a Grand Old Flag” – com a iluminação “expressionista”, o deslumbramento da iconografia militar, reconverte toda a “Americana” à figura paternal de Lincoln, do mesmo modo que a narração de Cagney é, em última análise, destinada a Roosevelt, o Pai supremo, cujo rosto Curtiz habilmente elide para dele nos dar só a Voz, alta, declamatória, primordial.

Já disse muito mais do que queria dizer e estou certo de que o que escrevi parece risível ao lado da força de **Yankee Doodle Dandy**. Talvez Curtiz nunca tenha amado tanto um personagem seu como este. Talvez Cagney nunca tenha irradiado tanto sentimento e espontaneidade. Seja como for, tenho dificuldades em lembrar-me de um momento, noutra musical americano que nos deixe tão em carne viva como quando Cagney **cria** o “Over There” e depois, na sequência seguinte, entre os soldados, só com a luz dos faróis, o interpreta. Há o mesmo e estranho júbilo na solidão do homem ao piano e na épica coralidade dos soldados que cantam. Só raramente o cinema foi a portentosa celebração de ambos – homem e multidão – que em **Yankee Doodle Dandy** podemos ver.

M. S. Fonseca

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico